

O BOIEIRO E A LEBRE: UM ENFOQUE CONVERSACIONAL

Prof^a Mestre Aline Chagas dos Santos (UFRJ)

RESUMO: As narrativas fabulísticas foram transmitidas, no início, oralmente, pelos antigos. Assim que o homem começou a falar e a observar o que acontecia à sua volta, sentiu a necessidade em expor, através das fábulas, o comportamento humano. A presente pesquisa tem como objeto a exposição de alguns instrumentos, na fábula de Fedro “O boieiro e a Lebre”, que possibilitam em maior ou menor grau aproximar-se da oralidade. Julgamos que o texto, apesar de todas as limitações, não deixa de sugerir alguns conceitos da análise da conversação através do diálogo, ou seja, há vestígios da oralidade no texto selecionado, embora o latim não seja mais falado. Convém enfatizar que a língua falada não deixa de estar refletida na fábula.

Palavras-chave: Fábula, Fedro, Análise da Conversação, Oralidade

1. A FÁBULA

Do latim *fabula* (assunto de conversação, conversa), tendo como característica forte a oralidade, a fábula é uma pequena narrativa, cujas personagens são, por via de regra, animais. Esses representam alegoricamente características dos seres humanos a fim de pregar suas virtudes ou criticá-los com um fundo moral, uma vez que há uma preocupação em expor os problemas em nosso cotidiano, retirando disso alguma lição.

Nas fábulas, encontramos temas como a inveja, a falsidade, a astúcia, a ganância, o abuso de poder etc. Esse tipo de literatura procura demonstrar as falhas e os valores dos indivíduos.

Antes de ser um gênero literário, a fábula pertence à tradição oral de todos os povos. A coletânea indiana, difundida no séc. VIII em uma versão árabe sob o título Fábulas de Bidpay ou Pilpay, alimentou a inspiração de La Fontaine (séc. XVII), responsável por difundir e popularizar as fábulas em nosso tempo.

Na Grécia, embora se encontrem fábulas entre os poetas mais antigos, como Hesíodo ou Estesícoro, foi Esopo que fez com que a fábula tornasse popular, sendo considerado, portanto, o “pai das fábulas”. As narrativas que lhe são atribuídas foram publicadas por Demétrio de Falero (séc. IV a.C.) e, reduzidas a quadras por Ignatius Magister (séc. IX), foram conhecidas assim durante toda a Idade Média.

Entre os latinos, Fedro, liberto de Augusto, prolongou a tradição esópica, já que era o grande admirador de Esopo. Reescreveu diversas fábulas desse autor e, além disso, compôs algumas de sua própria autoria.

Ainda que tenha um grande valor, a fábula não goza do destaque que tanto merece. Cabe lembrar que se trata de um gênero riquíssimo em temas ligados à política, à questão social e à cultura de uma determinada sociedade, apontando as falhas presentes em nosso cotidiano. A partir daí, percebemos que é indispensável, às crianças e aos adultos, o acesso ao significado mais profundo existente nas entrelinhas de suas narrativas.

2. FÁBULA “O BOIEIRO E A LEBRE” DE FEDRO (*LEPUS ET BUBULCUS*)

2.1 Original latino

Cum celeri urgentem pede uenatorem fugeret lepus
et a bubulco uisus ueprem irreperet:

“Per te oro superos perque spes omnes tuas
ne me indices, bubulce; nihil unquam mali

5 huic agro, iuro, feci.” At rusticus: “Ne timueris;
late securus.” Iamque uenator sequens:

“Quaeso, bubulce, numquid huc uenit lepus?”

“Venit, sed abiit hac ad laeuam”; et dexteram
demonstrat nutu partem. Venator citus

10 non intellexit seque e conspectu abstulit.

Tunc sic bubulcus: “Ecquid est gratum tibi

quod te celauit?” “Linguae prorsus non nego
habere atque agere gratias me maximas;
uerum oculis ut priueris opto perfidis.”

Síntese moral: Multos uerbis blandos esse, pectore infideles.

2.2. Tradução

Enquanto uma lebre de pé ligeiro fugia de um caçador, foi vista por um boieiro no momento em que se escondeu num espinhal: “Ó boieiro, suplico-te pelos deuses e por todas as tuas esperanças, que não me denuncies. Juro, nunca fiz mal algum a este campo.” Mas o camponês: “Não precisas temer; esconde-te tranquila.” E logo o caçador seguindo:

“Rogo-te que me digas, ó boieiro, por acaso veio uma lebre parar aqui?”

“Veio, mas foi-se por aqui, para a esquerda!” (e, com um aceno, indicou o lado direito.)

O caçador, de tão apressado que ia, não compreendeu e seguiu caminho. Disse, então, o boieiro à lebre: “Por acaso é agradável para você que te ocultei?”

“Não nego absolutamente que me sinto (agradecido) e que rendo os maiores louvores à tua língua; mas prefiro que sejas privado dos pérfidos olhos.”

Síntese moral: Muitos são dotados de boas palavras, mas duros de coração.

3. APRESENTAÇÃO TEÓRICA E ANÁLISE DA FÁBULA

Segundo Luiz Antônio Marcuschi, a conversação é a primeira das formas de linguagem a que estamos expostos e provavelmente a única da qual nunca abdicamos pela vida afora.

Os falantes de um língua vão ganhando naturalmente e pouco a pouco o conhecimento necessário para usá-la como, por exemplo, uma criança que, em contato diário com a comunidade falante, começa a emitir palavras soltas, depois pequenas frases, até montar frases mais elaboradas.

O indivíduo faz o uso da língua dependendo de várias circunstâncias: aquilo que vai ser falado e de que forma, do contexto, do nível social e cultural de quem fala (emissor) e de para quem se está falando (receptor). Logo, o falante faz parte de um sistema já convencionalizado e instituído antes de ele nascer, podendo ser adaptado às suas necessidades de comunicação.

Quando participamos de uma conversa normalmente nos deparamos com perguntas e respostas ou com asserções e réplicas. Através disso podemos encontrar, segundo Marcuschi (1997, p.15), cinco características básicas constitutivas da análise da organização elementar da conversação: interação entre pelo menos dois falantes; ocorrência de pelo menos uma troca de falantes; presença de uma sequência de ações coordenadas; execução numa identidade temporal; envolvimento numa “interação centrada”.

Os analistas da conversação não consideram apropriados textos escritos que procuram reproduzir conversações, ainda que não deixem de sugerir alguns instrumentos da oralidade ou possam reproduzir cuidadosamente o tom da conversa, baseando-se no nosso cotidiano. Mesmo com todas as limitações, conseguimos encontrar recursos que permitem o diálogo, inserido no texto escrito, aproximar-se da oralidade. São eles:

1. Organização de turno a turno
2. Organização de sequências
3. Marcadores conversacionais

Organização de turno a turno

No campo da linguagem, encontramos os chamados “sistemas de troca de fala”, sendo a conversação organizada por turnos. Podemos definir o turno como tudo o que o falante faz ou diz enquanto estiver usando a palavra. Observe:

FALANTE A: fala e para;

FALANTE B: toma a palavra, fala e para;

FALANTE A: retoma a palavra, fala e para;

FALANTE B: torna a falar e para...

Organização de sequências

A série de turnos alternados compõem sequências em movimentos coordenados e cooperativos. Essas sequências, devido à proximidade e ao tipo de relações, são conhecidas como pares conversacionais ou adjacentes.

Par adjacente ou par conversacional

É uma sequência de dois turnos que coocorrem e servem para a organização local da conversação, afirma Marcuschi. Como exemplos de pares conversacionais temos: pergunta-resposta; ordem-execução; convite-aceitação/recusa; cumprimento-cumprimento; xingamento-defesa/revide; acusação-defesa/justificativa; pedido de desculpa-perdão.

- Perguntas e respostas

É uma das sequências conversacionais mais comuns. Exibe várias formas de realização:

- a) A pergunta pode ser na forma interrogativa direta. Ex: O que você fez hoje?
- b) A pergunta pode ser na forma interrogativa indireta. Ex: Gostaria de saber o que você fez hoje.

Há dois grandes tipos de perguntas: fechadas e abertas. As perguntas fechadas são aquelas do tipo sim-não que podem restringir as alternativas de resposta, mas não impedem resposta com variações notáveis. Ao passo que uma das características das abertas ou informativas é realizarem-se com algum marcador do tipo: quem?, qual?, como?, onde?, quando? etc. A preferência é pelas respostas elípticas, e no caso das respostas alternativas, a preferência é pela repetição do verbo ou algum elemento central qualquer.

- Argumentação

Em toda conversa há uma argumentação subjacente. Segundo o professor doutor Auto Lyra Teixeira (2001:105) “A coerência conversacional caracteriza o conjunto da conversação, quando pelo menos duas pessoas desenvolvem um tópico numa sucessão de turnos alternados e cooperativos, na qual cada turno pode reorientar a discussão, mudando ou quebrando o tópico em pauta”. A asserção, afirmação de uma proposição, e a confirmação, afirmação de um consenso, são relevantes no desenvolvimento da argumentação e, além disso, a repetição é um recurso fundamental para a coerência numa conversação.

Marcadores conversacionais

As unidades, na conversação, devem obedecer a princípios comunicativos para sua demarcação e não a princípios simplesmente sintáticos. Há relações estruturais e linguísticas entre a organização da conversação em turnos e a ligação interna em unidades constitutivas de turno. Isto sugere que os marcadores do texto conversacional são específicos e com funções tanto conversacionais como sintáticas.

Tais recursos podem ser subdivididos em três tipos: verbais, não-verbais e supra-segmentais.

Classe de marcadores

- *Recursos verbais*: Operam como marcadores, formando uma classe de palavras ou expressões altamente estereotipadas, de grande ocorrência e recorrência.

- *Recursos não-verbais ou paralinguísticos*: São recursos como o olhar, o riso, os meneios de cabeça, a gesticulação. Estes recursos têm um papel fundamental na interação face a face.

- *Recursos supra-segmentais*: São de natureza linguística, mas não de caráter verbal, como, por exemplo, as pausas e o tom de voz.

3.1 Análise da fábula

Enquanto uma lebre de pé ligeiro fugia de um caçador, foi vista por um boieiro no momento em que se escondeu num espinhal (disse):

Notemos que há uma interação inicial: a lebre foge do caçador. *Veprem* (espinhal), local de esconderijo da lebre, faz parte do ambiente, cenário por onde transitam os personagens e se desenrolam os acontecimentos. Lembrando que o ambiente é um dos elementos relevantes da fábula, uma vez que faz parte da narrativa ficcional.

T1. LEBRE – Ó boieiro, suplico-te pelos deuses e por todas as tuas esperanças, que não me denunciés. Juro, nunca fiz mal algum a este campo.

A lebre faz um pedido ao boieiro. “Ó boieiro, suplico-te pelos deuses e por todas as esperanças, que não me denunciés.” Apesar de todas as limitações, por ser um texto escrito, Fedro utiliza alguns instrumentos que possibilitam aproximar-se da oralidade, como, por exemplo:

- 1) Vocativo *bubulce* (“boieiro”), cuja função é chamar ou interpelar o ouvinte (“boieiro”). Por esse motivo, o vocativo é um recurso relevante, uma vez que sugere a passagem de turno no momento em que se dirige ao receptor, buscando uma resposta, ainda que não tenha feito uma pergunta aberta.
- 2) O verbo *oro* acompanhado do pronome oblíquo *te* (“suplico-te”) mostra, mais uma vez, que a lebre dirige-se ao boieiro através do pronome ‘te’ que indica a segunda pessoa, com quem se fala, ou seja, o receptor *bubulcus*.
- 3) As expressões *per superos perque spes omnes tuas* (“pelos deuses e por todas as tuas esperanças”) são locuções interjetivas, pois a emoção ou sentimento é expresso por um grupo de palavras. Nesse caso, há dois grupos de palavras na fala do animal, “pelos deuses” e “por todas as tuas esperanças”, que sugerem o seu desespero.

Sabendo que em toda conversa há uma argumentação subjacente, podemos dizer que a lebre (*lepus*) se utiliza do recurso para se defender: *nihil unquam mali huic agro, iuro, feci*. (“juro, nunca fiz mal algum a este campo.”). Observamos que a personagem prova, explica o motivo pelo qual ela não deve ser denunciada ao caçador.

Mas o camponês (disse):

T2. CAMPONÊS – Não precisa temer; esconde-te tranquila.

Observamos que houve a troca de turno, visto que o camponês toma a palavra, dando início ao turno seguinte (T2). Ele se dirige à lebre dizendo para não temer e, além disso, utiliza o verbo *late* (“esconde”) na segunda pessoa do imperativo, exprimindo uma atitude de mando.

Vale destacar que, quanto ao par adjacente, as duas falas iniciais sugerem um par de “pedido-aceitação”, uma vez que a lebre suplica ao boieiro para não denunciá-la, e este lhe diz para não temer e ajuda o animal a se esconder. A partir disso, constatamos um **diálogo assimétrico** entre os dois personagens (*lepus* e *bubulcus*), já que estabelece uma hierarquia, uma desigualdade, pois é o boieiro que tem o poder de decidir o destino da lebre.

T3. CAÇADOR – Rogo-te que me digas, ó boieiro, por acaso veio uma lebre parar aqui?

O caçador entra em cena, depois que a lebre se esconde. Ele dirige-se ao boieiro, fazendo-lhe um pedido. A partir desta fala, verificamos, também, alguns instrumentos que permitem aproximar-se da oralidade:

- 1) O vocativo *bubulce* sugere a passagem de turno, como já foi mencionado anteriormente na fala da lebre.
- 2) *Numquid* (“Por acaso”) introduz uma interrogativa direta, sugerindo a tomada de turno.
- 3) *Quaeso* (“Rogo”) mostra que o caçador dirige-se ao destinatário (*bubulce*), com quem se fala.

T4. BOIEIRO – Veio, mas foi-se por aqui, para a esquerda! (e, com um aceno, indicou o lado direito.)

Notamos que o boieiro é quem toma a palavra, dando início ao turno seguinte. Através de sua resposta, verificamos recursos muito relevantes para a nossa análise:

1) Na sequência de pergunta-resposta, a resposta, neste caso, pode ser incluída no grupo de perguntas fechadas, do tipo sim-não, todavia pode variar bastante, com uma preferência pela elipse e pela repetição do verbo. No momento em que o caçador pergunta ao boieiro “(...) uenit huc lepus?” (“(...) veio uma lebre parar aqui?”), a resposta simplesmente poderia ser “sim” ou “não”, mas o boieiro optou em responder “uenit” (“veio”), utilizando a repetição (eco) que é um recurso muito importante para a coerência em uma conversa e, além disso, a elipse, que é a omissão do termo facilmente subtendido. Observe: “Veio, (...)” (*omissão* de “uma lebre parar aqui.”)

2) O marcador *sed abiit hac ad laeuam* (mas foi-se por aqui, para a esquerda!) utilizado pelo boieiro, trata-se de uma informação adicional, visto que a resposta foi além do esperado.

3) Observamos um recurso paralinguístico ou não-verbal em *et dexteram demonstrat nutu partem*. (“e com um **aceno**, indicou o lado direito.”). Este recurso tem um papel fundamental na interação face a face, permitindo a união da palavra com o gesto. “Assim sendo, o interacionismo em linguística busca transcender o meramente verbal de uma interação, procurando igualmente apreender, por exemplo, um recurso extralinguístico (*nutu*)” (TEIXEIRA, 2001:93)

Os turnos T3 e T4 sugerem um par de “pergunta-resposta”. A pergunta, utilizada pelo caçador, está na forma interrogativa direta, por meio do sinal de interrogação (?).

T5. BOIEIRO - Por acaso é agradável para você que te ocultei?

Depois que o caçador se afasta do campo de interação, o diálogo volta a ser entre a lebre e o boieiro. *Ecquid* (“Por acaso”) introduz uma interrogativa direta, sugerindo a tomada de turno e a expectativa de uma resposta afirmativa. Além disso, percebemos que os dois pronomes de segunda pessoa, *tibi* (para você) e *te* (te), referem-se ao destinatário *lepus*.

T6. LEPUS – Não nego absolutamente que me sinto (agradecido) e que rendo os maiores louvores à tua língua; mas prefiro que sejas privado dos pérfidos olhos.

A resposta da lebre poderia ter sido “sim” ou “não”, todavia apresenta variações notáveis como em *linguae prorsus non nego habere atque agere gratias me maximas (...)* (“não nego absolutamente que me sinto (agradecido) e que rendo os maiores louvores à tua língua (...)). Além disso, a conjunção *uerum* (“mas”) funciona como um marcador que sugere mudança.

Percebemos que a fala do animal sugere um tom de ironia, pois mesmo sabendo sobre a traição do boieiro, a lebre rende os maiores louvores à língua (*linguae*) e, ao mesmo tempo, julga-o com severidade, isto é, deseja que seja privado dos pérfidos olhos (*oculis perfidis*).

Não podemos deixar de notar que também os turnos T5 e T6 sugerem um par de “pergunta-resposta”, encerrando aí o diálogo entre os dois principais personagens da fábula.

Verificamos, na fábula estudada, a alternância de turnos entre os interlocutores como um fator disciplinador da atividade conversacional e desempenhando um papel importante na organização da conversação. Observe: falante A (lebre) fala e para; o falante B (boieiro) fala e para; o falante C (caçador) fala e para; falante B (boieiro) fala e para; falante B (boieiro) retoma a palavra, fala e para; falante A (lebre) retoma a palavra, fala e para. Dessa maneira, reconhecendo cada fala como um turno, constatamos, no texto estudado, 6 turnos.

A fábula *Lepus et bubulcus* é um tipo de narrativa com preocupações moralizantes cujo um dos personagens (*lepus*) é humanizado. O que faz com que esse texto seja considerado exemplo de um modo de organização denominado narrativo são: o tempo, o ambiente, os personagens, o narrador e o enredo.

Observamos que toda narrativa apresenta uma sucessão de ações e, como toda sucessão de ações envolve passagem de tempo, “podemos dizer que uma narrativa se apóia numa sucessão cronológica de ações” (CARNEIRO, 2003: 69). Na nossa fábula, por exemplo, as ações que se sucedem são as seguintes:

PRIMEIRA AÇÃO	A lebre escondeu-se num espinhal.
SEGUNDA AÇÃO	A lebre suplica ao boieiro que não a denuncie.
TERCEIRA AÇÃO	O camponês pede para o animal se esconder.
QUARTA AÇÃO	O caçador chega e pede informação ao boieiro sobre o paradeiro do animal.
QUINTA AÇÃO	O boieiro dá a informação .
SEXTA AÇÃO	O boieiro dirige-se à lebre.
SÉTIMA AÇÃO	A lebre agradece e ao mesmo tempo critica o boieiro.

Notemos que da segunda ação até a sétima ação há recursos que possibilitam ao texto escrito aproximar-se da oralidade, lembrando que é uma característica forte da fábula. Essas ações que estão destacadas sugerem a passagem de turno. Mas na sétima ação, encerra-se o diálogo.

O ambiente é o espaço, o cenário por onde transitam os personagens e se desenrolam os acontecimentos. Na fábula, encontramos o espinhal, lugar utilizado pela lebre a fim de se esconder. Local de difícil acesso, todavia, torna-se um abrigo naquele

momento. Há também a presença do **dêitico** “huc” (aqui), que é um elemento linguístico cuja função consiste em articular o enunciado na situação particular na qual ele é produzido ou em inscrevê-lo em um discurso. O advérbio de lugar situa o enunciado em relação ao espaço.

Os personagens são os seres que atuam, que vivem os acontecimentos. O personagem principal é o protagonista (*lepus*); aquele que se opõe ao protagonista é chamado de antagonista (*bubulcus*). Percebemos que o boieiro é o antagonista graças ao recurso paralinguístico que aparece no turno 4 “e, com um *aceno*, indicou o lado direito.” Através dessa ação, notamos que o boieiro é um personagem perverso, ou seja, um antissujeito. A narrativa apresenta, como já foi visto, dois personagens humanos e um humanizado que é o caso da lebre, já que apresenta uma característica humanizada (personificação) como, por exemplo, a de falar.

Temos o narrador que não participa dos acontecimentos, mas observa tudo o que ocorre. Por esse motivo, há uma narrativa em terceira pessoa e um narrador observador.

O enredo é a estrutura da narrativa, o desenrolar dos acontecimentos. É interessante notar que o enredo se faz normalmente de incidentes, de intrigas. Percebemos que o enredo desta fábula está centrado no seguinte conflito: a fuga da lebre.

Na fábula, encontramos, como tema, um problema que está muito presente também em nosso cotidiano: a falsidade.

Uma característica forte da fábula é a oralidade. Percebemos que na fábula selecionada, ainda que com limitações por se tratar de um texto escrito, cuja língua é o latim clássico, encontramos alguns recursos que permitem a aproximação da língua falada, através da interação verbal. Observamos que na fábula, conforme os personagens interagem, os instrumentos eram expostos como, por exemplo, os vocativos, os advérbios interrogativos, os verbos (*oro, quaeso, late*), o ponto final, o ponto de interrogação. Esses recursos sugeriam a passagem de turno, dando ao receptor a vez de falar. Não sabemos como os romanos interagiam, mas pudemos encontrar vestígios da oralidade na fábula “O boieiro e a lebre”, através do diálogo. Isso leva-nos a crer que a língua falada não deixa de estar refletida no texto.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CARNEIRO, Agostinho Dias. *Redação em construção*. 2.ed. São Paulo. Editora Moderna, 2003.
- ESOPO. *As fábulas de Esopo em texto bilíngue grego-português*. Trad. Manuel Aveleza. Rio de Janeiro, Thex ed., 1999.
- FARIA, Ernesto. *Gramática superior da Língua Latina*. Rio de Janeiro, Livraria Acadêmica, 1958.
- GARCIA, Othon M. *Comunicação em prosa moderna*. 2.ed. Rio de Janeiro, Fundação Getúlio Vargas, 1971
- GIORDANI, Mário Curtis. *História de Roma*. 9.ed. Petrópolis: Vozes, 1987.
- JAKOBSON, Roman. *Linguística e comunicação*. 5ª.ed. São Paulo: Cultrix, 1971.
- LUCAS, J.J. *Fábulas de Fedro*. 1.ed. Rio de Janeiro, 1958.
- MARCUSHI, Luiz Antônio. *Análise da Conversação*. 3.ed. São Paulo: Ática, 1997.
- MARMORALE, Enzo. *Historia da literatura latina*. Trad. João Bartolomeu Júnior. Lisboa, Editorial Estúdios Cor, 2 v.
- SARAIVA, F.R. dos Santos. *Novíssimo dicionário latino-português*. 11.ed. Rio de Janeiro: Livraria Garnier, 2000.
- TEIXEIRA, Auto Lyra. *O Hípias Maior de Platão: uma abordagem conversacional*. Rio de Janeiro, UFRJ, 2001. Tese de doutorado em Língua e Literatura Grega.
- VIEIRA, Ana Thereza Basílio. *A sobrevivência das fábulas*. Rio de Janeiro, UFRJ, 1992. Dissertação de mestrado em Língua e Literatura Latina.
- VIEIRA, Ana Thereza Basílio. *Aviano: uma nova perspectiva para as fábulas latinas*. In: *Calíope*; Presença clássica. Rio de Janeiro, J. Di Giorgio & Cia Ltda, 2003.11